

Vidas feitas de tragédias e o Ébola é só mais uma

Lives made of tragedy; Ebola being just one more

Luís Fonseca

Jornalista

Chefe de delegação da Agência Lusa na Guiné-Bissau

Seis pessoas foram detidas e colocadas em isolamento em Conacri depois de transportarem num táxi o corpo de um familiar que morreu de Ébola. O caso aconteceu em maio. De acordo com as agências de notícias, os seis disfarçaram o cadáver altamente contagioso com uma t-shirt, calças de ganga e óculos de sol e levaram-no amparado no táxi. Será que lavaram bem as mãos antes e depois de pegarem no corpo? A pergunta é irónica, mas a verdade é que se tornou difícil encontrar alguém nesta região de África, mesmo nos meios mais remotos, que não saiba a lengalenga de medidas de prevenção repetidas vezes sem conta nos meios de comunicação social e pelos líderes de opinião para travar o Ébola. O caso do táxi dá que pensar: uma lengalenga de boas práticas recitada de cor e salteado, mas quantas vezes pensada?

Estávamos em Boké, na Guiné-Conacri, na manhã de sexta-feira, 08 de agosto de 2014, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o contágio como uma "emergência mundial de saúde". Fomos contactados várias vezes ao longo do dia para relatar em direto como estava a situação no país onde a epidemia eclodiu. O Mundo estava alarmado com o Ébola, mas ao contrário do que se poderia pensar, a vida em Boké e em Conacri (a capital) fazia-se com a mesma normalidade de sempre.

A normalidade na Guiné-Conacri é feita de ruas cheias de gente, mercados a fervilhar de vida, trânsito, confusão, como em tantas outras partes do mundo, mas com uma dose acrescida de miséria em todos os cantos. Conversámos com várias pessoas e ouvimos diversos relatos. A maioria vive na pobreza e muitos passam por pequenas tragédias para conse-

guir chegar à manhã seguinte. Um vírus que quase de certeza provoca a morte é apenas mais uma contrariedade. Contas feitas, de acordo com dados de 2012 da Organização Mundial de Saúde, morre-se mais facilmente por causa de água inquinada que provoca diarreias ou por causa de uma picada de um determinado tipo de mosquito que provoca Malária do que por causa de Ébola.

A rede de serviços básicos, quando existe, é tão débil que já aconteceu dizerem-nos que determinada pessoa morreu de soluços, à falta de melhor diagnóstico... Por mais informação que haja, sem desenvolvimento que fortaleça os serviços básicos à população, tudo corre o risco de se transformar numa lengalenga que até pode ser seguida, mas não ponderada.

O vírus nunca chegou à Guiné-Bissau. No país lusófono não há estruturas de saúde à altura das necessidades da população, muito menos para enfrentar com confiança uma ameaça como a do Ébola. Mas há população que decora os conselhos difundidos pelas rádios onde se inclui a vigilância da comunidade. De acordo com relatos que recolhemos junto dos delegados regionais de Saúde, houve pessoas quase mantidas em prisão preventiva numa aldeia de Bafatá (centro do país) depois de os vizinhos saberem que tinham regressado da Guiné-Conacri. O mesmo se passou ao longo do ano em Bissau e em Gabú, principal cidade do Leste, próximo da fronteira com a Guiné-Conacri. É pouco claro se os viajantes tinham sintomas. Vieram do território do Ébola e foi quanto bastou para a vizinhança os cercar e pedir que fossem examinados por técnicos de saúde. Excesso de zelo? Perguntem ao taxista de Conacri.